

Semana Nacional da Pessoa com Deficiência 21 a 28 de agosto



SER, PARTICIPAR, TESTEMUNHAR
Eu Vivo Comunidade Inclusiva

Caderno de Subsídios
2013

**Semana Nacional da Pessoa com Deficiência
21 a 28 de agosto**

Caderno de Subsídios



**Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil**

2013

Publicação coordenada pelo Programa Diaconia Inclusão da Secretaria da Ação Comunitária da Secretaria Geral da IECLB.

Caixa Postal 2876

90001-970 Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3284 5400

secretariageral@ieclb.org.br

Colaboradores e Colaboradoras: Cátia Patrícia Berner, Renato Luiz Becker, Márcia Penke, Débora E. Pedrotti Mansilla, Carla Tais Krüger Bersch, Clovis Horst Lindner

Revisão: Martha Regina Mass, Rosangela Stange, Mauro Batista de Souza

Coordenação: Carla Vilma Jandrey

Diagramação e capa: Cláudio Kupka

Esta publicação está acessível às pessoas com deficiência visual.

Pessoas interessadas podem solicitar pelo e-mail secretariageral@ieclb.org.br ou pelo fone 51-3284-5400.

A publicação está disponível em formato pdf no portal www.luteranos.org.br.

A reprodução parcial ou total é permitida desde que indicada a fonte.

Participe da Avaliação!

Se você utilizou este material em suas atividades, dê um retorno para nós. Escreva para: secretariageral@ieclb.org.br e opine.



Apresentação

Ser, Testemunhar, Participar – Eu vivo Comunidade Inclusiva. Este é o tema que o material da Semana Nacional da Pessoa com Deficiência, 21 a 28 de agosto, apresenta para estudo e reflexão nas comunidades da IECLB.

O material oferece subsídios para tratar o tema da inclusão de pessoas com deficiência junto aos grupos de crianças, jovens e pessoas adultas. Além disso, para aquelas comunidades que desejam marcar a Semana Nacional com um culto alusivo, oferecemos uma reflexão para a mensagem e recursos litúrgicos.

Este ano, em comemoração aos 21 anos do *Programa Diaconia Inclusão da IECLB*, há um texto sobre o logotipo do programa, que foi transformado especialmente para marcar a data. Há também um texto que nos convida a refletir sobre o papel da comunidade cristã no processo de inclusão da pessoa com deficiência.

Segundo o texto da profa. Débora Mansilla, “A rotina diária e as atribuições da vida nos insensibilizam a direcionar o nosso olhar cuidadoso para os nossos irmãos e irmãs com deficiência. Como comunidade temos que refletir diariamente sobre este assunto, provocando debates e reflexões sobre a inclusão, também junto aos diversos grupos da comunidade.” Assim, que a Semana Nacional da Pessoa com Deficiência 2013 seja um impulso para fortalecer a reflexão comunitária e promover ações de inclusão.

Aproveitamos para agradecer a todas as pessoas que ajudaram a sonhar, pensar e viabilizar o Programa Diaconia Inclusão da IECLB. São 21 anos de muitas histórias, conquistas, desafios e também dificuldades. São 21 anos de muita informação, formação e encontros em prol da construção de comunidades cada vez mais inclusivas. Nosso muito obrigado a todas as pessoas que fizeram e fazem parte desta história.

P. Dr. Nestor Paulo Friedrich
Pastor Presidente





21 ANOS PROGRAMA DIACONIA INCLUSÃO

21 anos do Programa Diaconia Inclusão

Em 2013, o Programa Diaconia Inclusão da IECLB completa 21 anos. Muitos anos antes, no entanto, pessoas já colocavam seus dons a serviço da inclusão da pessoa com deficiência. Um dos primeiros registros de trabalho nesta área é de 1959.

Como forma de marcar os 21 anos de trabalho do programa, o logotipo do Programa Diaconia Inclusão foi estilizado. É importante resgatar a reflexão feita pelo Grupo de Apoio Nacional, em 1996, quando aconteceu a criação do logotipo.

Segundo Iára Müller, Rosalie Spellmeier e Lourdi Bender, integrantes do Grupo de Apoio Nacional da época, a borboleta é a marca do trabalho na área da pessoa com deficiência porque ela é um símbolo de transformação. Primeiro vem a lagarta que se recolhe em um casulo e só depois se transforma em borboleta. Para a borboleta sair do casulo precisa fazer muita força e dizem que é com essa força que ela fortalece as asas para voar. Se alguém abrir o casulo para ajudá-la, ela não fará todo o processo e não terá forças suficientes para voar.

Assim também a pessoa com deficiência passa por um processo de transformação para conviver com sua deficiência. A pessoa com deficiência, sua família, amigos e amigas precisam descobrir meios para viver neste mundo com pouca acessibilidade. E, assim como no caso da borboleta, a pessoa com deficiência não espera que façamos tudo *para* e *por* ela, mas *com* ela.

A borboleta do logotipo recebeu diversas cores. As diferentes cores nos lembram que a criação de Deus também é marcada pela diversidade, onde cada um e cada uma têm dons e limitações. Desta forma, também as pessoas com deficiência são um grupo marcado pela diversidade: elas não são um grupo homogêneo com os mesmos dons e as mesmas necessidades de acessibilidade. Por exemplo, quando uma comunidade constrói uma rampa, ela possibilita acesso para cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida, mas não podemos dizer que ela seja uma comunidade totalmente acessível,



pois, para pessoas surdas e cegas, são necessários outros recursos de acessibilidade.

Para construirmos comunidades verdadeiramente inclusivas, precisamos lembrar que há essa diversidade e que estamos num processo em que as próprias pessoas com deficiência querem e têm direito de participar do planejamento e das decisões. Isso nos lembra o lema da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: “Nada sobre nós sem nós”.

Tanto a borboleta quanto a forma como a palavra “inclusão” está no logotipo nos sugerem pensar em movimento. Esse movimento é impulsionado pela fé cristã. O trabalho para a inclusão da pessoa com deficiência tem como ponto de partida o exemplo de Jesus Cristo que acolhe, vai ao encontro, dá voz e vez a todas as pessoas que estão excluídas e proporciona transformação.

Esse movimento também representa que o trabalho da IECLB quer ir além da comunidade cristã e ser um testemunho cristão para a sociedade, apoiando e promovendo ações. Também é um movimento inverso, ou seja, a sociedade, com suas experiências e reflexões, fornece informação e formação para fortalecer o trabalho na IECLB.

Que 2013, além de ser um ano para celebrarmos os 21 anos do Programa Diaconia Inclusão, seja também um tempo de reflexão redobrada e de avaliação. Rogamos a Deus que continue abençoando este trabalho, que quer construir um mundo com acessibilidade e inclusão para todas as pessoas.

Diacona Carla Vilma Jandrey
Coordenadora do Programa Diaconia Inclusão da IECLB



Recursos litúrgicos

25 DE AGOSTO DE 2013

CULTO DA SEMANA NACIONAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Acolhida:

Foi Deus quem nos trouxe até aqui. “Quando estamos reunidas e reunidos na Comunidade, estamos no céu” – dizia Lutero. Em 2 Timóteo 1.10 se lê: *Jesus acabou com o poder da morte e, por meio do Evangelho, revelou a vida que dura para sempre.* É exatamente isso que Deus faz conosco, aqui e agora, neste lugar: Deus enche o nosso coração de alegria pelo fato de não precisarmos ter medo da morte. Alegria essa que poderemos repartir com as outras pessoas, logo depois que sairmos daqui.

O culto é um dos momentos que Deus nos dá para fazermos uma parada, para refletirmos. Que bom poder refletir sobre o tema: “Ser, Participar, Testemunhar – Eu vivo Comunidade Inclusiva” durante a Semana Nacional da Pessoa com Deficiência.

Saudação Trinitária:

Sim, todas são bem-vindas, todos são bem-vindos a este culto que iniciamos em nome de Deus que nos despertou e continua despertando para a vida; em nome de Jesus Cristo que direcionou e continua direcionando nossa história; em nome do Espírito Santo que nos animou e continua animando para vivermos como filhas e filhos de Deus. Que bom que vocês vieram!

(Sugerir que as pessoas presentes deem um abraço uma nas outras e digam uma palavra carinhosa do tipo “Que bom que você veio!”)

Leitura Bíblica:

Salmo 103.1-8

Aclamação do Evangelho:

Jesus Cristo nos diz: A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a Sua obra. (João 4.34) Aleluia!



Leitura do Evangelho:

Lucas 13.10-17

Motivação para oferta:

Nós, agora, vamos fazer a nossa Oferta de Gratidão. Dê das suas primícias para que o trabalho junto às Pessoas com Deficiência floresça sempre mais no nosso meio. Apoiemos essa proposta de Mais Vida, coordenada pelo Programa Diaconia Inclusão da IECLB. Enquanto o pão e o fruto da videira são trazidos à mesa, doaremos de nós enquanto cantamos...

Oração Geral da Igreja:

Deus de bondade! Tu nos deste dons e talentos diversos. Ninguém de nós recebeu todos eles. Da mesma forma, ninguém de nós recebeu nenhum deles. Para cada pessoa Tu sempre dás um pouco do que é Teu.

Ajuda-nos a servirmos uns aos outros e umas às outras. Dá que a Tua luz se acenda em nossos corações; que ela nos ajude a perceber tudo aquilo que acontece à nossa volta e, em especial, a realidade de exclusão e discriminação em relação às pessoas com deficiência.

Que a Tua Luz nos auxilie a ultrapassarmos as barreiras que nos afastam uns dos outros, umas das outras. Que a Tua Luz nos dê coragem para sonorizarmos o amor nos círculos onde vivemos e nos ajude a construir uma comunidade cada vez mais inclusiva. Que a Tua luz nos presenteie com criatividade para edificarmos a nossa casa à beira da estrada por onde Tu, em Jesus Cristo, haverás de passar. Permite que todas as pessoas possam dar-se conta, através de Jesus Cristo, da Tua luz. Amém.

Bênção e Envio:

Que Deus lhes dê força na caminhada. Que Deus lhes presenteie com ânimo e sabedoria para os momentos de diálogo em prol de uma comunidade inclusiva. Que Deus lhes conceda amizade para que vocês se aproximem umas das outras, uns dos outros. Que Deus segure vocês na Sua mão e abençoe vocês. Vão na paz de Deus e sirvam ao Senhor da Igreja com alegria. Amém.

Pastor Renato Luiz Becker

Ministro da IECLB em Itoupava Central – Blumenau/SC



Subsídios para a Prédica

DIA 25 DE AGOSTO DE 2013

CULTO DA SEMANA NACIONAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Vida em comunidade favorece a inclusão

Acolho vocês com as palavras de 1 João 4.16 “*Nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós*”. Assim, sejamos nós, pessoas motivadas por este amor que vem das mãos de nosso Criador, para que também nossas mãos possam ser instrumentos de acolhimento e inclusão.

Estamos na Semana Nacional da Pessoa com Deficiência e queremos refletir em conjunto, a partir do Tema e Lema da IECLB para este ano: *Eu vivo comunidade Inclusiva*. Cada Comunidade, cada Paróquia e cada Sínodo vêm estudando e meditando sobre este tema desde o Advento. O texto-base do tema do ano nos motiva a pensar sobre a inclusão: “comunidade é convivência das diferenças que caracterizam a rica Criação de Deus. Não por acaso, comunidade viabiliza a inclusão e promove o respeito ao diferente”.

É tempo de olharmos para nossas comunidades, para nossa vida e ver o que ainda é possível fazer ou o que ainda não foi possível concretizar para que a diversidade se torne algo tão natural que não seja mais necessário falar em diferenças. De que maneira somos comunidade que acolhe e inclui quem é diferente?

O texto de Lucas 13.10-17, lido anteriormente, relata a cura de uma mulher encurvada no sábado. Uma mulher, que há dezoito anos vivia encurvada devido a um desvio na coluna (conhecido, hoje, como sifoescoliose) que causa muita dor e faz com que a pessoa caminhe olhando sempre para o chão. Esta mulher era excluída da sociedade e sofria muitos preconceitos.

Será que podemos imaginar tamanha dor e sofrimento? Quem sabe, podemos fazer esta experiência somente por alguns minutos, para tentar se colocar no lugar desta mulher?

(Sugestão de dinâmica: convidar as pessoas para caminharem no corre-



dor da igreja com as costas encurvadas, olhando para o chão, retratando a postura da mulher encurvada).

Qual foi a sensação?

(Deixar que algumas pessoas se manifestem...)

Mesmo recebendo críticas por realizar a cura em um sábado, com sua atitude de amor e acolhimento para com a mulher, Jesus não deixa de transformar a vida dela. Ao ver e acolher a mulher e ao chamá-la de filha de Abraão, Jesus lhe concede os mesmos direitos que os homens da época tinham, ou seja, de ter família, bênção e propriedade.

Assim, Jesus propõe algo ainda maior para a sociedade da época: motiva a olhar com mais sensibilidade para os sofrimentos das pessoas à sua volta. Ele diz que a Lei deve estar a serviço das pessoas, para que todas sejam ajudadas, amparadas e acolhidas – incluídas! Jesus faz a cura num sábado, mostrando que ela deve acontecer sempre onde existe sofrimento, independente de tempo e lugar.

O texto nos desafia a também olharmos ao nosso redor, para nossas famílias e comunidades, para vermos onde existem pessoas que sofrem como esta mulher do texto. Pessoas que estão encurvadas pelas injustiças, pelos preconceitos, pelas opressões e violências.

Comunidade que segue o exemplo de Cristo precisa exercer a inclusão de todas as pessoas, especialmente das pessoas com deficiência. Para SER, TESTEMUNHAR e PARTICIPAR em comunidade é imprescindível exercer a diaconia em todas as suas dimensões. Pois a essência do servir é o amor e a fé em Deus que nos ensinam a amar e conviver em comunhão uns com os outros, umas com as outras.

Será que nossa postura muitas vezes não colabora para que as pessoas se sintam diferentes, oprimidas e excluídas da comunidade?

O que cada um e cada uma de nós pode fazer para que a comunidade seja de fato um espaço de acolhimento?

O que cada um e uma de nós pode fazer é romper a barreira atitudinal, ou seja, romper os preconceitos, os estigmas e estereótipos, que resultam em discriminação e que nos impedem de chegar mais perto de nossos irmãos e de nossas irmãs com deficiência que tanto têm a nos ensinar. Tirar da nossa face o olhar preconceituoso que causa, sim, muita dor e sofrimento. Não que-



remos que ninguém se sinta inferior e nem “encurvado”. Por isso, a mudança começa por cada um e cada uma de nós que é parte desta comunidade chamada a ter atitude de acolher, incluir, respeitar e colaborar para a edificação da comunidade.

Necessidades humanas nos desafiam cada vez mais a sermos comunidades acolhedoras, cuidadoras e atuantes, em palavras e ações. Por isso, nosso testemunho de fé concretiza-se no cuidado com o próximo e com a próxima, nas atitudes diárias, nos pequenos gestos de solidariedade e inclusão. A comunhão com Deus e com a pessoa próxima ajuda-nos a dar este testemunho de fé. A vida em comunidade e sua dinamicidade nos capacitam e nos movem a buscar práticas e atitudes mais dignas e correspondentes à vontade de Deus.

No Batismo, fomos declarados filhos e filhas de Deus. Bem por isso, somos pessoas chamadas a viver de forma concreta nosso compromisso em comunidade e na sociedade, exercendo a diaconia. Essa fé nos compromete com a tarefa da preservação da vida em todas as suas dimensões. Viver em comunidade é ser espaço aberto para todas as pessoas, buscando e partilhando os dons e colocando-os a serviço de Deus e das pessoas.

E, a partir da fé em Cristo, vivamos na esperança de que podemos ser comunidades cada vez mais acolhedoras e inclusivas, deixando que Deus cure nossas dores e preconceitos, na certeza que a sua forte mão nos protege e abençoa. Amém.

*Diacona Cátia Patrícia Berner
Ministra da IECLB na Paróquia de Três Passos – RS*





Ser, Participar, Testemunhar Eu vivo Comunidade Inclusiva

SUBSÍDIO PARA O TRABALHO COM AS CRIANÇAS

Material necessário: papel A4, canetinhas, lápis de cor, giz de cera, pincel, tintas, lã, cola, papel camurça, areia.

Considerações didáticas:

Para contar a história, usar fantoche de animais ou o recurso de flanelógrafo.

Canto de saudação:

Como vai companheiro, como vai? (Três palmas)

Como vai companheira, como vai? (Três Palmas)

*Dançamos (dançar) um pouquinho para começar o dia,
como vai companheiro, como vai? (Três palmas).*

Oração:

Deus de amor, nós te agradecemos por teu cuidado e por tu nos trazeres até aqui nesta manhã/tarde/noite. Permite que tenhamos um encontro abençoado com nossos irmãos e irmãs na fé. Em nome de Jesus. Amém.

Canto:

Sou criança (HPD2 489)

A história do Patinho

Narrador: Era uma vez uma jovem pata que, orgulhosa, chocava sua primeira ninhada. Passado algum tempo, os ovos começaram a se quebrar. De todos eles nasceram lindos patinhos e patinhas. Porém, restava apenas um ovo e a mãe continuou a chocá-lo com muito carinho. Quando

este finalmente se partiu, saiu dele um patinho cinzento, diferente dos outros. A mamãe pata achou estranho, mas amou-o da mesma forma que seus irmãos e suas irmãs. No dia seguinte, Dona pata chamou: “Venham, vamos passear pela fazenda!”

Narrador: E lá seguiu ela toda orgulhosa. Passaram por Totó, o cachorro da fazenda, que foi logo dizendo:

Cachorro: Que lindos patinhos e patinhas, mas este último tem um jeito diferente.

Narrador: Todos os animais da fazenda comentavam como aquele patinho era diferente. A mamãe pata achou que poderia ter algo errado com o patinho e resolveu levá-los para nadarem no lago. O patinho nadou tão bem quanto seus irmãos e a mamãe pata ficou aliviada.

Dona pata: Ele é diferente, mas é meu filho e também o amo.

Narrador: Quanto mais o tempo passava, mais diferente o patinho ficava. Os animais da fazenda o discriminavam. Os seus irmãos e irmãs o evitavam nas brincadeiras.

Irmãos: Não queremos brincar com você, você é diferente de nós.

Patinho: Ninguém gosta de mim, o que tenho de errado?

Narrador: Muito magoado com toda essa situação, o patinho resolveu fugir. Foi caminhando sem rumo pela floresta e encontrou alguns patos selvagens, mas eles também comentaram: “Olhem lá gente, que patinho diferente!”

Narrador: Muito triste, percebeu que ali também não podia morar, e seguiu o caminho. Para piorar, começou o inverno.

Patinho: Oba! Finalmente achei um lugar para ficar.

Narrador: No dia seguinte, foi encontrado pela dona da casa:

Dona da casa: Pobrezinho, você deve estar com muito frio. Venha comigo, irei aquecê-lo.

Narrador: Ela o levou para dentro de casa e o patinho achou que havia encontrado um lar. Infelizmente o gato de estimação daquela casa era muito malvado e logo tratou de mandar o patinho embora.

Gato: Vá embora, aqui não tem lugar para você.



Patinho: Por que não posso ficar? Poderei ser seu amigo.

Gato: Não quero um amigo igual a você. Aqui só tem lugar para mim.

Narrador: Ele continuou seu caminho. A primavera chegou, o patinho resolveu procurar um lago para nadar. Encontrou um que estava cheio de cisnes e pensou:

Patinho: Como gostaria de nadar com eles!

Cisnes: Venha nadar conosco, amigo!

Narrador: Convidou um dos cisnes. Nisso, o patinho entrou na água e viu o seu reflexo espelhado nela.

Patinho: Ah, como é bom nadar e saber que não estou sozinho.

Narrador: Assim termina a nossa história. O patinho nadou alegremente com os cisnes e se encantou com o colorido das flores.

Final: (todos os personagens se abraçam formando um círculo).

(Uma releitura do conto de fadas: O patinho Feio de Hans Christian Andersen)

Reflexões sobre o texto

Conversar com as crianças a partir das seguintes perguntas motivadoras: como os outros animais tratavam o patinho? Como o patinho se sentia? O que o patinho resolveu fazer? Será que todos os patos têm que ser iguais? Vocês acham que todas as pessoas são iguais?

Ler o versículo bíblico de Tiago 2.8b.

O texto de Tiago nos mostra que, como filhos e filhas de Deus, somos convidados e convidadas a amar e respeitar as pessoas, independentemente da cor, da raça, por serem altas ou baixas, gordas ou magras ou por terem ou não uma deficiência.

Tiago nos ensina que a fé em Jesus Cristo não admite a discriminação, exclusão ou valorização de uma pessoa pela sua aparência. Cristo nos convida a respeitar e amar todas as pessoas.

Nós somos iguais? Não, pois Deus nos fez diferentes. Somos parte da diversidade da criação de Deus e, assim, cada pessoa com o seu jeito de ser é convidada a testemunhar o grande amor de Deus.

Dessa maneira, ser comunidade inclusiva significa anunciar o Evangelho e fazer diferença no local onde vivemos. Comunidade inclusiva é aquela que acolhe, que participa e testemunha o *ser igreja* junto às pessoas que se sentem excluídas e discriminadas, bem como com os familiares delas.

Que cada um e cada uma de nós possa se sentir acolhida e abraçada por Deus do jeito que é e que este gesto de Deus nos motive a acolher e abraçar quem está ao nosso lado. Vamos nos dar um abraço bem apertado como na história do patinho?

Atividade Final

Confeccionar patinhos em dobradura de papel e deixar que as crianças usem a sua criatividade para colori-los. Outra ideia é distribuir folhas com o desenho de patinhos e patinhas e usar lã, papel camurça ou areia para contornar e/ou preencher o desenho.

Dica: Colar lã sobre o contorno do desenho ou preenchê-lo com papel camurça ou areia dá relevo a ele e possibilita trabalhar com as crianças o fato de existirem outras formas de ver o desenho. Explicar, por exemplo, que crianças cegas veem/sentem o desenho com a ponta dos dedos e, assim, elas podem imaginar como é um patinho.

Canto: Crianças do Reino (491 HPD2)

Oração: Senhor Jesus, nós te agradecemos porque Tu vieste a nós para nos dar vida e vida em abundância. Ajuda-nos na luta pela inclusão e no testemunho do Teu amor para com todas as pessoas. Que possamos servir com muita alegria e gratidão. Amém.

Canto de Bênção:

/: As minhas mãos estão cheias, das tuas bênçãos. :/

/: Todo aquele que eu tocar abençoado será. :/

As minhas mãos estão cheias, das tuas bênçãos.

*Pastora Carla Tais Krüger Bersch
Ministra da IECLB em Boa Vista do Buricá – RS*



Vivenciando jogos inclusivos

DINÂMICA PARA GRUPOS DE JOVENS

Jogo Inclusivo não é uma atividade esportiva, recreativa ou lúdica especial para pessoas com deficiência, mas sim, acessível para todas as pessoas.

Assim, muitas vezes, é necessário adaptar as regras dos jogos, levando em consideração as limitações e habilidades das pessoas.

Sugestões de jogos inclusivos:

Corrida do Saco

Vocês vão contentes brincar e ver quem vai chegar primeiro nesta brincadeira saudável e muito conhecida. Só que neste grupo há uma pessoa com dificuldade para caminhar, ou que anda de cadeira de rodas, ou uma pessoa cega, ou até mesmo alguém que temporariamente está com gesso na perna. De que forma o grupo vai incluí-la na atividade? Não vale esta pessoa ficar de lado, sem participar.

Vamos fazer esta atividade? Divida o grupo em dois grupos menores, pegue os dois sacos¹, entregue um para cada grupo e realize a brincadeira. De que forma cada grupo vai inserir esta pessoa com deficiência? Se não houver pessoas com deficiência no grupo, uma pessoa pode ter seus olhos vendados, outra pode ter os seus pés amarrados, dificultando o seu caminhar e assim por diante, várias dificuldades podem ser criadas – sejam criativos. Uma questão que deve ser priorizada nesta atividade (que buscará proporcionar a integração de todas as pessoas) é a percepção do ser humano ao seu lado, suas dificuldades e suas habilidades. Ao final, o que vale é a alegria, o envolvimento e a diversão, nem sempre ganha quem chega primeiro e, sim, quem se diverte muito.

¹ Os sacos podem ser confeccionados com TNT em tamanho grande para que várias pessoas caibam dentro dele ao mesmo tempo. Observação: para todas as pessoas entrarem no saco, é recomendável que elas o coloquem pela cabeça e não pelos pés, como normalmente acontece.



Cabra cega

Providenciar, antecipadamente, vários objetos para que os e as participantes descubram, de olhos vendados, através do tato das mãos, que objetos são aqueles. Se a pessoa tiver dificuldade para descobrir que objeto está na sua mão, o grupo pode ajudar dando informações de *como* ele é, *para que* serve, ou seja, *descrevendo* o objeto. (Nessa atividade, estamos ensaiando a audiodescrição – que é um recurso utilizado para as pessoas cegas terem compreensão das imagens que aparecem nos vídeos, ou seja, são descritos o ambiente, fotos e símbolos, oportunizando, assim, que elas compreendam melhor a mensagem que está sendo transmitida).

Vôlei sentado

Modalidade paraolímpica praticada por atletas com deficiência física.

Material:

- Rede;
- Bola de vôlei;
- Quadra (ou corda pra marcar a quadra).

A modalidade é disputada oficialmente em uma quadra de 10m x 6m, rede com 1,15 metros de altura para o masculino e 1,05 metros para o feminino. Seis pessoas participam do jogo, sentadas na quadra. As únicas exceções às regras convencionais do vôlei tradicional são justamente o tamanho da quadra, a posição dos jogadores e das jogadoras que jogam sentados e a possibilidade de se bloquear o saque.

Existem outras atividades que podem ser desenvolvidas; é só criar e fazer adaptações para que haja a inclusão de todas as pessoas.

Sra. Márcia Penke
Graduada em Administração e reside em Santa Rosa/RS



Pessoas com deficiência, e nós com isso?

SUBSÍDIO PARA TRABALHO COM PESSOAS ADULTAS

1 – Uma história para ler

“Vamos tomar um café com o menino mais comportado do mundo?” O convite encheu-me de expectativa. Fui ao encontro da minha filha, acompanhado do meu genro, para ver como ele havia ficado.

“A cabeleireira disse que não ia cortar aqueles cachos de jeito nenhum”, contou a minha filha. “Ela fez um corte moderno! Ficou lindo!”, acrescentou. “Vô, ele foi o menino mais querido e ficou paradinho”, comemorou. “Você parece o Robert Plant”, brinquei com ele, fazendo referência aos caracóis antológicos do vocalista do Led Zeppelin.

O meu neto merecia aquele café e ele chegou todo animado à cafeteria. Cantando e buscando apoio nas mãos dos pais, ele dava passos trôpegos até a mesa onde ia degustar um pedaço enorme de torta alemã, o seu doce favorito.

Para chegar ao quitute, ele teve que passar ao lado de uma mesa em que um grupo de adolescentes conversava animadamente e ria à solta. Ao ver o meu neto, um dos jovens congelou. Baixando a cabeça sobre a mesa, entre o grupo, fez insistentes sinais indicativos na direção dele, cochichando: “Olha ali, olha ali!”.

Como já estávamos acostumados aos olhares de espanto, comentários cochichados e insistentes sinais indicativos, seguimos impávidos ao lugar onde o nosso “Robert Plant” se refestelou e festejou, enquanto admirávamos o corte *fashion* esculpido em seus cachos dourados. O gel reluzia de forma delicada com a incidência da luz artificial do ambiente. Entre uma garfada e outra, ele se abria em largos sorrisos com as bandeiras de diversos países expostas nas paredes.

Enquanto se deliciava com as bandeiras e a torta alemã, risadas e comen-

tários vindos daquela mesa ecoavam por toda a cafeteria. A alegria contagiante do meu neto de sete anos ajudava-me a ignorar aquele alarido que ricocheteava em meu coração como bala perdida. Minha couraça já havia engrossado o suficiente para sobreviver a mais essa. “Está tudo bem”, eu repetia em minha mente. E, de fato, estava.

2 – Contextualizando a história

Nosso segundo neto nasceu em 2006, numa manhã socada “até o talo” de expectativa e silêncio suspeito. Levávamos uma vida plena de realizações em nossa família. Um casamento feliz, realização profissional e estabilidade permitiam que curtíssemos a vida. Tínhamos formado nossas duas filhas na faculdade e a mais velha já nos havia dado um neto que estava para completar um ano de vida e era o nosso mais novo *playground*.

A chegada do nosso segundo neto fora preparada em cada mínimo detalhe. No dia marcado para a cesariana, nossa filha foi internada cedo e nós fomos aos afazeres do dia. Enquanto a manhã encurtava, o silêncio suspeito aumentava. Os amigos já ligavam querendo saber novidades e não tínhamos nenhuma. Na maternidade, o bebê já havia nascido e a vovó foi visitar sua filha, curiosa pelo novo neto. “Está tudo bem, mas ele está na CTI, pois nasceu com um probleminha”.

“Coisa normal” pensou a avó. Rumo ao berçário, ela foi sentindo um frio na barriga. O bebê estava na incubadora, estranhamente com um gorro na cabeça. “Nasceu com Síndrome de Crouzon”, explicou o médico, mostrando imagens desconcertantes num livro de medicina.

Naquele momento, o nosso “mundo perfeito” ruiu. Não vou detalhar aspectos da penosa reconstrução psicossomática que se seguiu àquela revelação bombástica, mas apenas fazer constar que ela foi um doloroso processo que levou anos. As sensações são tão esmagadoras que palavras não bastam para descrevê-las. Durante os dias que se seguiram, algumas perguntas insistiam em nos manter noites inteiras com os olhos arregalados: por quê? Por que nós? Por que ele? O que ele fez? O que fizemos nós?

Ao diagnóstico inicial juntou-se uma feroz hidrocefalia. Duas cirurgias reconstruíram o crânio quase inteiramente e implantaram uma bomba para retirar o líquido e neutralizar a hidrocefalia. O primeiro ano foi repleto de dificuldades de toda ordem que foram se acumulando com novas descobertas, como uma hipotonia muscular que o impediria de andar e com as seque-

las neurológicas provocadas pela má formação craniana.

Negando os fatos, construíamos um futuro bom para o nosso neto. Iríamos fazer tudo para que ele se desenvolvesse normalmente, fosse à escola e tivesse tudo para edificar uma vida repleta de sentido, plenitude e “normalidade”. A cada novo dia, tirávamos um tijolo a mais do nosso castelo de sonhos. Aos sete anos ele anda, mas tem dificuldade de equilíbrio; ouve bem e adora música; é curioso e se emociona com novas visões, como qualquer menino de sua idade; não fala, mas compreende tudo que lhe é dito; comunica-se conosco à sua maneira e nós o entendemos. Ah, sim, e nada feito peixe.

Os encontros desagradáveis da cafeteria se repetiram *ad nauseam* nesses anos em que o nosso neto está conosco. Lutamos muito para não construir uma redoma em volta dele. Quase sempre suportamos calados. Mas também existiram muito mais encontros com pessoas que nos envolveram com seu abraço e embarcaram conosco numa viagem sem destino em busca do melhor para nossa pequena joia.

Enquanto ele cresce, a pergunta primogênita do dia do seu nascimento ainda ecoa em nossas cabeças: por quê? Só que agora buscamos refletir para muito além das respostas que recebemos sem pedir; muitas das quais nos feriam: “Deus quis dar um recado a vocês através dele”. Será que Deus é tão desumano a ponto de usar uma criança indefesa para testar adultos e cobrar submissão? O tempo cura, mas o que permanece dessa experiência que botou nossa vida de pernas para o ar é o “Questionamento de Jó”.

ATIVIDADE 1: Leia essas duas cenas para o grande grupo, propondo a reflexão sobre o tema “pessoas com deficiência, e nós com isso?”.

3 – O Questionamento de Jó

Jó tinha uma vida perfeita. Era rico, pai de filhos bem criados, feliz no amor e, sobretudo, profundamente religioso. Nada poderia afastá-lo do seu incondicional amor a Deus. Todos os dias ele agradecia pela vida que tinha. Nos finais de semana, reunia os filhos e suas famílias em banquetes para louvar a Deus.

Até que uma figura estranha, que na história aparece como Satanás (Jó 1.6), desafia o próprio Deus e faz uma aposta chocante: “Jó ama você somente porque sua vida é uma maravilha! Se você der uma virada nisso tudo, tirando dele tudo o que mais ama, ele vai amaldiçoar você rapidinho”, fustigou o obscuro ser.

Já no dia seguinte, passo a passo, o mundo perfeito de Jó foi entrando em colapso. Ele perdeu tudo. E Jó se manteve firme, embora a pergunta pelo “porque” começasse a minar seus pensamentos em longas noites de insônia. Com o corpo todo em feridas e se retorcendo de dor, Jó continuava fiel. Mas a cruel pergunta o fustigava: “Por quê?”. Ele amaldiçoa o dia em que nasceu (Jó 3.11-13), deseja a morte para si (3.20-22) e, mesmo que amigos o exortem a não perder a sua confiança em Deus (5.8ss), a pontiaguda pergunta central que o abate faz Jó entrar em luta com Deus (7.17-21). A pergunta se esmera, quando questiona: “Parece-te bem que me oprimas, que rejeites a obra das tuas mãos e favoreças o conselho dos perversos?” (10.3).

As queixas e a tagarelice (11.2) incomodam até mesmo os amigos mais chegados de Jó, que também o abandonam e zombam dele (16.20). Ele se sente injustiçado ao extremo, e se queixa que os perversos têm melhor sorte que ele, porque fazem o que bem entendem e nada lhes acontece. Jó está completamente só com a sua terrível pergunta: “Por quê? Por que eu?”.

Apenas ao final de 42 capítulos, Jó se dá por rendido e também Deus aceita suas queixas, repreendendo os amigos que o deixaram a sós com sua dor e seus questionamentos e devolvendo a Jó tudo o que tinha, em dobro.

ATIVIDADE 2: Divida o grupo em pequenas rodas de 3 ou 4 pessoas para lerem alguns trechos do livro de Jó, escolhidos com base nas indicações acima.

4 – Inclusão, um gesto de amor

“Inclusão” não é um conceito bíblico, nem teológico. Mas a reflexão em torno de sua necessidade como tarefa diaconal da igreja está amplamente fundamentada no amor incondicional de Deus por todas as pessoas.

Deus não revelou este amor à humanidade de uma maneira sobrenatural ou mágica, mas por meio da vinda de Jesus Cristo ao mundo. Ou seja, o amor de Deus pela humanidade não é edificado sobre os princípios do poder e dos milagres, mas sobre a humildade e a doação plena. Deus tornou-se ser humano para nos amar incondicionalmente. Ele veio para dentro do nosso mundo, das nossas dores e sofrimentos, da nossa injustiça, dos nossos porquês. Ele experimentou, na própria carne, o mais perverso *bullying* social, ao ser açoitado e cuspidado, humilhado e coroado de espinhos e, por fim, pendurado no madeiro em que só morriam os ladrões e assassinos.

Em Jesus Cristo, Deus ergueu os pilares da inclusão ao passar pelo mais

profundo abismo da exclusão e da rejeição. Por isso ele nos ama incondicionalmente. Ao submeter-se ao *bullying* da humanidade que o rejeita, ele nos capacita a suportar e o *bullying* da exclusão, dos olhares congelados e dos dedos que apontam para a anormalidade exterior e a transformam em medida para a rejeição.

Por tudo isso, é tarefa inadiável da Igreja construir um espaço bem grande para incluir, receber, aceitar e acolher pessoas que, por conta de seu perfil exterior diferente, são cruelmente submetidas ao *bullying* social da exclusão.

Eu hoje tenho a convicção muito clara de que o nosso neto foi a chave hermenêutica para essa compreensão. Principalmente por nos ter ajudado a compreender que, por trás das suas diferenças, esconde-se um universo de humanidade tão gigantesco que nós, considerados pessoas “normais”, temos graves limitações para compreender plenamente.

Nesse processo de reflexão, a impertinente busca pelo “porque” vai se transformando num achado. O “por que nós?” vai cristalizando um “por que não nós?”. Por que justamente nós devíamos ter sido poupados por Deus deste maravilhoso encontro com um menino cheio de sede de viver, sempre alegre e aberto a novas experiências, como qualquer menino que classificamos na lista dos “normais”?

Em meio a essa caminhada, acabamos por nos sentir privilegiados. Afinal, como família nós estamos vivendo uma experiência única, rica, repleta das lições daquele amor incondicional que o próprio Deus ousou experimentar ao oferecer seu filho em favor da humanidade.

Essa também é a reflexão que Jó experimentou. O “questionamento de Jó” passa de uma pergunta (por quê?) a um lamento que sequer espera uma resposta lógica. É um pouco como as perguntas das crianças, que logo levam os adultos ao pânico, mas que, na verdade, nem esperam uma resposta elaborada com argumentos cuidadosamente construídos (que buscam evitar ao máximo uma nova pergunta). Não! Descobri que o nosso “por quê?” apenas é uma busca por acolhimento, nada mais. Como as perguntas das crianças... E é justamente aqui que está a essência da inclusão que pratica a diaconia em nossa Igreja.

A deficiência, tanto pessoal como a de outras pessoas na nossa comunidade, pode ser o caminho que nos ajuda a construir uma nova identidade que passa pela revisão do nosso perfil como cristãos e até da própria imagem que temos de Deus. A lição mais importante é que o amor de Deus tem nu-



ances absolutamente surpreendentes e se revela de forma extrema e inesperada no convívio com pessoas com deficiência. É aqui que somos forçados e forçadas a *ir bem lá no fundo, sem dó nem piedade*. Que aprendizado!

ATIVIDADE 3: Essas reflexões servem especialmente para o líder do grupo. Elas podem ser trabalhadas com o grande grupo, em plenária, depois da leitura em pequenos grupos e do compartilhamento dos diversos textos do livro de Jó.

5 – Um *experience day*

A principal lição da inclusão é a dramática descoberta de que a abordagem da questão das pessoas com deficiência não pode ser mantida apenas no nível intelectual. Não há como tratar do tema como um assunto acadêmico que se mantém na fria e asséptica esfera do trato científico. É necessário mergulhar *de cabeça* no vulcão de sensações que só o confronto direto é capaz de produzir... e de aclarar a nossa mente e experiências.

Nesse sentido, proponho ao grupo um mergulho na *real*, de cabeça e sem colete salva-vidas. Há várias experiências que podem ajudar a elaborar o que vamos chamar de *experience day*:

1. Dividir o grupo em pares, em que um venda os olhos e o outro o guie pelo salão e pátio da comunidade, experimentando a vida sem um dos cinco sentidos. Num segundo momento, o vendado deve andar sem um guia, só com a ajuda de uma vara.
2. Isso poder ser ainda mais significativo se for feito com a ajuda de pessoas com deficiência visual que podem guiar quem está de olhos vendados.
3. Um dia de convivência numa escola da APAE, conversando com os monitores, convivendo com as pessoas com deficiência, conversando e tendo contato com elas.
4. Organizar um encontro com famílias da comunidade nas quais haja pessoas com deficiência. Também podem ser feitas visitas a essas famílias.

Pastor Clovis Horst Lindner
Blumenau, SC



Comunidades Inclusivas, um exemplo cristão.

*“Não seja intransigente, a natureza é plural
O igual é diferente, o diferente é igual”.*
Moaci Carneiro

Segundo a Organização das Nações Unidas, 10% da população mundial vivem com algum tipo de deficiência. A Diferença (ou diversidade) está presente na população humana do planeta e se apresenta também nas nossas comunidades cristãs. No Brasil, segundo dados do Censo de 2010, temos 45 milhões de pessoas com alguma deficiência, brasileiros e brasileiras que transitam em diferentes espaços da sociedade, inclusive na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

As pessoas com deficiência foram, durante muito tempo, invisibilizadas na sociedade e a própria comunidade cristã não as enxergava. O sociólogo Boaventura Souza Santos traz uma importante contribuição para o processo de inclusão quando preconiza que: “... temos o direito de sermos iguais quando a diferença nos inferioriza, temos o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza”. Neste sentido, junto ao amor de Deus somos todos e todas iguais; Deus nos aceita pelo Batismo e nos torna seus filhos e filhas. Assim, frente ao amor de Deus, somos iguais, mas frente à sociedade, ao acesso à educação, à saúde e à vivência cristã, não. Considerar essa diferença é fundamental, pois a igualdade nessas instâncias passa por questões que vão além das subjetivas e acabam se consolidando em ações discriminatórias.

Como caminhar com a Igreja para que nossas comunidades se tornem comunidades cada vez mais inclusivas? Certamente cada um de nós já se fez esta pergunta. Ou, se ainda não fez, é hora de fazê-la, já que as pessoas com deficiência são nossos irmãos e irmãs e enfrentam barreiras arquitetônicas, comunicacionais e atitudinais que, às vezes, fazem com que elas e suas famílias não se sintam acolhidas num local onde todos e todas são iguais perante

o amor de Deus.

Na sua trajetória de 33 anos, Jesus sempre esteve perto das pessoas com deficiência. Podemos verificar isso em diversas passagens dos Evangelhos que contam a Sua vida, o Seu caminhar e que nos relatam esse fato, como em Lucas 14.13, onde o próprio Jesus ensina: *“Mas quando você der uma festa, convide os pobres, aleijados, os coxos e os cegos”*. Será que obedecemos este ensinamento de Jesus? Nas nossas festas e nos nossos encontros sociais oportunizamos a participação de todos e todas? Das pessoas com deficiência e das pessoas sem deficiência?

A Bíblia Sagrada traz uma passagem muito importante para nós acolhermos os nossos irmãos e irmãs com deficiência em João 9.2-3: *“Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus.”* Se Jesus, por mais de uma vez, manifestou o poder de Deus e fez com que a deficiência apresentada pelas pessoas não fosse motivo de discriminação e condenação, como hoje podemos demonstrar a obra de Deus frente às pessoas com deficiência ou como empoderá-las para que também participem desta obra?

As pessoas com deficiência encontram em sua vida muitas barreiras atitudinais, comunicacionais e arquitetônicas. Como Igreja, o que podemos fazer para que essas barreiras sejam superadas ao longo da nossa jornada? Uma das formas seria discutir questões como acessibilidade nos templos: tanto adaptações arquitetônicas quanto de comunicação, fundamentais quando buscamos a inclusão de todos e todas, e no coletivo das comunidades, paróquias e Sínodos podemos resolver isso priorizando os nossos dons e ofertas para que as barreiras físicas sejam superadas. Aí demonstramos e experimentamos o poder e o amor de Deus, quando oportunizamos a todos e a todas o livre acesso aos templos para ouvir e vivenciar o evangelho.

Já as barreiras atitudinais dizem respeito a como nos comportamos frente às pessoas com deficiência. Estas barreiras são mais difíceis de serem transpostas, mas não são impossíveis. Por meio da luta de movimentos sociais, igrejas e de uma parcela da sociedade, também com o advento das políticas públicas de promoção de Direitos Humanos, as pessoas com deficiência passam a ser consideradas na sociedade e de invisíveis elas passam a se tornar visíveis como sujeitos de direitos. Nota-se que nas comunidades cristãs elas jamais poderiam ter se tornado invisíveis, pois como nos traz a mensagem da primeira carta de Paulo aos Coríntios 12.26: *“...De maneira que, se um membro*

padece, todos os membros padecem com ele; e se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele. Ora vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular". Todas as pessoas são parte do corpo de Cristo. Somos a sua Igreja que se movimenta e que nem sempre experimenta a alteridade necessária para vivenciarmos o evangelho.

A rotina diária e as atribuições da vida nos insensibilizam a direcionar o nosso olhar cuidadoso para os nossos irmãos e irmãs com deficiência. Como comunidade temos que refletir diariamente sobre este assunto, provocando debates e reflexões sobre a inclusão, também junto aos diversos grupos da comunidade.

Colocar-se ao lado dos irmãos e irmãs com deficiência e dialogar com eles e elas é um importante passo para que possamos caminhar juntos como Igreja de Jesus Cristo e para que de fato consigamos dar audiência às vozes, aos desejos e necessidades destas pessoas que foram silenciadas durante muito tempo. Assim estaremos vivendo plenamente o que nos ensina o reformador Martinho Lutero: *"O cristão vive não em si mesmo, mas em Cristo e no próximo. De outro modo, ele não será um cristão"*.

Viver comunidade que segue o mandamento de Jesus escrito no Evangelho de João 15.12: *"O meu mandamento é este: amem uns aos outros como eu amo você"* significa vivenciar e efetivar na nossa Igreja a inclusão das irmãs e dos irmãos com deficiência. Que o Senhor Deus nos dê a coragem necessária e o amparo para experimentar as mudanças que nos levem a verdadeiramente sermos cada vez mais *Comunidades Inclusivas*.

Profa. Dra. Débora E. Pedrotti Mansilla
Superintendência de Diversidades Educacionais
Secretaria Adjunta de Políticas Educacionais - Cuiabá/MT.

Bibliografia e Webliografia

[http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-as-pessoas-com-deficiencia.](http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-as-pessoas-com-deficiencia/) /Acesso em 24/04/2013.

Censo Demográfico 2010 – Resultados Preliminares da Amostra Disponível em: <http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/>. Acesso em 30/04/2013.

Bíblia Sagrada. Versão João Ferreira de Almeida.





Símbolo internacional de acesso

Indica acessibilidade aos serviços e identifica espaços, edificações, mobiliário e equipamentos urbanos onde existem elementos acessíveis ou utilizáveis por pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.



Símbolo internacional de pessoas com deficiência visual (cegueira)

Indica a existência de equipamentos, mobiliário e serviços para pessoas com deficiência visual.



Símbolo internacional de pessoas com deficiência auditiva (surdez)

É utilizado em todos os locais, equipamentos, produtos, procedimentos ou serviços para as pessoas com deficiência auditiva (surdez).



Programa Diaconia Inclusão Secretaria da Ação Comunitária Secretaria Geral da IECLB

secretariageral@ieclb.org.br
www.luteranos.com.br

Apoio



Evangelisch-Lutherisch
Kirche in Bayern